

LANGUE E LANGUAGE: O DILEMA DOS TRADUTORES DO CLG EM INGLÊS

Bianca PASQUALINI

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise dos textos introdutórios dos tradutores de edições em inglês do *Cours de Linguistique Générale*, célebre obra de Ferdinand de Saussure. A primeira tradução analisada é de 1957, de Wade Baskin, e a segunda é de 1986, de Roy Harris. A partir das introduções e de excertos dos sumários de ambas as traduções, é possível apontar algumas posições dos tradutores a respeito do *Cours* e o modo como tais posições influenciam as escolhas tradutórias de Baskin e Harris, sobretudo no que diz respeito à palavra *langue*.

PALAVRAS-CHAVE: linguística; tradução; estudos da linguagem

ABSTRACT: This paper analyzes the introductory texts written by the translators of English editions of Saussure's work *Cours de Linguistique Générale*. The first analyzed translation is Wade Baskin's, published in 1957, and the second is Roy Harris', published in 1986. Based on the introductions and samples taken from the contents of both translations, it is possible to indicate what both translators think about the *Cours* and how their opinions influence Baskin's and Harris' choices regarding their translations, most of all regarding the word *langue*.

KEYWORDS: linguistics; translation; language studies

Introdução

A polêmica em torno da autenticidade, da fidelidade e da veracidade do *Cours de Linguistique Générale*, de 1916, tem como epicentro o caráter apócrifo do texto produzido e publicado sob autoria de Ferdinand de Saussure. O *Cours* foi compilado por três organizadores (Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger) a partir dos cadernos de alunos de Saussure – uma empreitada que, sob retrospecto, “inaugurou” a Linguística tal como a conhecemos hoje. Desde a primeira edição, o *Cours* passou por reedições, edições críticas e releituras¹, num esforço exegético contínuo em busca de uma voz autoral inquestionável e reputável única e exclusivamente a Saussure.

A descoberta, em 1996, de um envelope contendo manuscritos de Saussure na casa em que sua família residia quando em Genebra trouxe ainda mais controvérsias ao que já era controverso e ensejou a possibilidade de que o *Cours* pudesse ser comparado ao “verdadeiro” Saussure, autor dos manuscritos (TRABANT, 2005; DEPECKER, 2009). No entanto, os escritos descobertos mostram-se no mais das vezes reticentes e herméticos, e levantam mais dúvidas do que respondem às que já existiam. Além disso,

¹ Além do *Cours*, o *corpus* saussuriano, conforme ilustram Bouquet (2004) e Depecker (2009), é constituído pelas publicações de Saussure (alguns artigos acadêmicos e a tese de doutorado), pelos manuscritos das conferências de 1891, por um conjunto de notas sem data, por cartas, pelas notas preparatórias aos cursos de linguística geral de 1907 a 1911, pelos cadernos dos alunos (fontes usadas tanto para a redação do *Cours* original quanto para futuras edições críticas) e, enfim, pelos escritos encontrados em 1996.

com tantas lacunas e vazios, os manuscritos deram vazão a um sem-número de interpretações, algumas “definitivas”, reforçando e confirmando posições anteriores à leitura dos manuscritos, outras menos rígidas e mais dispostas a aceitar a natureza obscura dos textos encontrados.

Enquanto o debate se desenrolava em torno dos textos em francês, começaram a surgir traduções do *Cours*, e a missão dos tradutores diante das complexidades incontornáveis desse texto, começando pela questão da própria autoria, era o desafio de reconstruir em língua-alvo os pontos polêmicos e “abertos” presentes no *Cours* e de evitar criar novas ambiguidades e pontos de discordância para leitores que liam o livro como parte programática de disciplinas dos cursos de Letras. As primeiras traduções foram para o japonês, alemão, russo e espanhol, e somente em 1959 surgiu a primeira tradução para o inglês, de Wade Baskin (SALUM, 2006). A segunda foi publicada em 1986, de autoria de Roy Harris. A edição brasileira é de 1969.

Em um primeiro momento, as traduções do *Cours*, como seria de se esperar, eram indicadas a alunos de linguística não falantes do francês por professores que haviam tido acesso a edições francesas. Com o passar do tempo, as traduções passaram a ser mais lidas nos cursos de linguística do que as edições em francês, como é o caso da maioria dos cursos de graduação no Brasil – ou seja, as traduções do *Cours* passaram a ser tomadas pelo próprio *Cours*. É importante ressaltar que as três traduções mencionadas – a brasileira e as duas inglesas – têm como texto-fonte “a edição que consagrou a obra” (SALUM, 2006, p. 22), o que se deve, ao que tudo indica, sobretudo a políticas editoriais, uma vez que o incremento de notas e revisões críticas tornaria a leitura do livro “mais pesada” (id., p. 24). É indiscutível a necessidade de traduzir o *Cours* tal como foi publicado em suas primeiras edições; entretanto, a edições críticas como a de Rudolf Engler, de 1967, não foi dada a atenção devida.

O caso das traduções inglesas é bastante peculiar, e é sobre elas que discorrerá este artigo, tendo como ponto de análise os respectivos textos introdutórios dos tradutores de ambas as edições. Um breve histórico das edições analisadas será traçado, a fim de contextualizar as circunstâncias e as condições de produção dos tradutores.

AS TRADUÇÕES DO COURS PARA O INGLÊS

A primeira tradução para o inglês foi publicada em 1959 e é, como mencionado anteriormente, de autoria de Wade Baskin, sem especificar qual das edições francesas é tomada como texto-fonte. De acordo com Salum (2006, p. 15), essa tradução foi divulgada nos Estados Unidos, no Canadá e na Inglaterra, cobrindo boa parte do mundo anglofônico. A introdução de Baskin é sucinta: quatro parágrafos, nos quais não faz nenhum comentário sobre o processo tradutório, apenas sobre a vida e a obra de Saussure, concluindo com agradecimentos.

A segunda tradução, de 1986, é de Roy Harris, linguista e professor emérito da Universidade de Oxford, e tem como fonte a edição francesa de 1972. Ao contrário de Baskin, Harris empenha-se em fazer uma introdução mais detalhada, tecendo comentários sobre a tarefa tradutória à luz das ideias encontradas no próprio livro e posicionando-se abertamente diante delas no tocante às escolhas de tradução.

Foram essas duas traduções, sobretudo a primeira, que divulgaram o *Cours* para falantes do inglês. Mas o que revelam as introduções dos tradutores sobre a *leitura* do

Cours feita por eles e sobre os postulados saussurianos? Qual é a influência da posição de ambos os tradutores sobre suas respectivas traduções?

Considerando que a maioria dos alunos de linguística não falantes do francês recorre a traduções do *Cours* (aqui em sentido amplo, mas tendo como foco os leitores de língua inglesa), e considerando também que as opções dos tradutores são relevantes para a interpretação do texto, que impacto e que consequências tais escolhas tradutórias causaram na repercussão do *Cours*?

Evidentemente são muitas perguntas a responder num artigo que se pretende breve. No entanto, é possível entrever alguns indicativos a partir dos comentários introdutórios dos tradutores das edições mencionadas. Passemos a eles então.

A VISÃO DE WADE BASKIN

A primeira tradução para o inglês, sob o título *Course in General Linguistics*, é de 1957, época anterior à publicação das edições críticas. Em sua resumida introdução, Baskin (p.11) faz as seguintes afirmações:

The atomist conception of speech (...) had to give way to the functional and structural conception of language. Saussure was among the first to see that language is a self-contained system whose interdependent parts function and acquire value through their relationship to the whole.

By focusing attention on the distinctly human side of speech, i. e., the system of language, Saussure gave unity and direction to his science. (...) I hope to contribute toward the realization of his goal: the study of language in and for itself.²

Vários pontos chamam a atenção nessa afirmativa. Em primeiro lugar, Baskin menciona “a concepção estrutural de linguagem/língua”, marcando claramente com o uso do artigo “*the*” que se trata de uma concepção bem definida, sugerindo tratar-se da única possível. No entanto, sabe-se que somente em um momento no *Cours* há referência à palavra “*structure*” (SAUSSURE, 1995, p. 180). Assim, aquilo que Baskin atribui a Saussure é na verdade o resultado de uma interpretação *prévia* do *Cours*, tal como reflete Normand acerca da recepção do livro: “os comentários [sobre o *Cours*] se desenvolveram e multiplicaram no entusiasmo dos anos estruturalistas” (2009, p. 116). Os ditos entusiastas do estruturalismo, sobretudo antes da publicação de edições críticas e da divulgação das fontes manuscritas,³ viam no *Cours* uma obra fundadora da ciência

² “A concepção atomista de [linguagem/discurso] (...) teve que ceder espaço à concepção funcional e estrutural de linguagem/língua. Saussure foi um dos primeiros a perceber que a [linguagem/língua] é um sistema autocontido cujas partes interdependentes adquirem função e valor através de sua relação com o todo. Ao concentrar-se na porção distintamente humana [da linguagem/do discurso], isto é, o sistema da [linguagem/língua], Saussure deu unidade e direção à sua ciência. (...) Espero contribuir no sentido da realização do objetivo de Saussure: o estudo da [linguagem/língua] em si e por si mesma.” O texto completo está no Anexo 1. Vê-se que na tradução desse trecho para o português já se anunciam os primeiros problemas da tradução de Baskin: ao dizer *language*, refere-se a *língua* ou a *linguagem*? Ao dizer *speech*, refere-se a *linguagem* ou *discurso*?

³ Normand (2009, p. 114) refere-se à edição crítica de Rudolf Engler, de 1968-1974, que teve como base as fontes manuscritas publicadas por Robert Godel em 1957, ano da publicação da tradução de Baskin.

linguística, determinando-lhe o objeto por meio de um corte epistemológico (idem, p. 118). Assim, Baskin parece vincular-se ao pensamento estruturalista da época e não faz qualquer alusão ao fato de o *Cours* ter sido editado por colegas de Saussure que sequer assistiram às aulas. Em outras palavras, Baskin deixa entrever, ainda que laconicamente, uma visão do *Cours*, a predominante na época: uma obra com a voz unívoca de um autor que estabeleceu as bases da Linguística moderna, dando a ela “unidade” e “direção”.

Que o *Cours* discute o status científico da linguística é inquestionável, como bem ilustram os capítulos introdutórios⁴. No entanto, a unidade e a direção referidas por Baskin foram dadas a partir de *interpretações* do *Cours*, que, num movimento dialético, influenciaram a própria leitura de Baskin.

Mas outros elementos presentes na introdução de Baskin são dignos de análise, sobretudo o uso da palavra “*language*”. Em inglês, “*language*” pode referir-se tanto a língua como linguagem, diferentemente das línguas românicas. No trecho citado, há quatro ocorrências de “*language*”. Uma dessas ocorrências é particularmente preocupante: “*I hope to contribute toward the realization of his goal: the study of language in and for itself*”. Deixando de lado por agora o fato de que se sabe hoje que essa frase, a famosa frase de conclusão do *Cours*, foi um adendo dos editores (BOUQUET, 2004, p. 217-218), o problema anunciado pelo uso de “*language*” é a ausência de qualquer indicação sobre seu sentido ao longo do livro como um todo. Como exemplo, vejamos uma página do sumário, junto com o texto da edição francesa de 1995:

TRADUÇÃO DE WADE BASKIN	EDIÇÃO FRANCESA DE 1995
INTRODUCTION	INTRODUCTION
CHAPTER I. A glance at the history of linguistics	CHAPITRE I. Coup d'œil sur l'histoire de la linguistique
CHAPTER II. Subject matter and scope of linguistics; Its relations with other sciences	CHAPITRE II. Matière et tâche de la linguistique; ses rapports avec les sciences connexes
CHAPTER III. Object of linguistics	CHAPITRE III. Objet de la linguistique
1. Definition of language	1. La langue ; sa définition
2. Place of language in the facts of speech	2. Place de la langue dans les faits de langage
3. Place of language in human facts; Semiology	3. Place de la langue dans les faits humains. La sémiologie
CHAPTER IV. Linguistics of language and linguistics of speaking	CHAPITRE IV. Linguistique de la langue et linguistique de la parole
CHAPTER V. Internal and external elements of language	CHAPITRE V. Éléments internes et éléments externes de la langue
CHAPTER VI. Graphic representation of language	CHAPITRE VI. Représentation de la langue par l'écriture

⁴ Na edição brasileira: Capítulo I – Visão geral da história da Linguística; Capítulo I –

Matéria e tarefa da Linguística e suas relações com as ciências conexas; Capítulo III – O objeto da Linguística.

Tabela 1 - Amostra do sumário do *Course in General Linguistics*, de 1959, e do *Cours de Linguistique Générale*, de 1995. O negrito é meu.

Vê-se, a partir da Tabela 1, que Baskin usou *language* para *langue*, *speech* para *langage* e *speaking* para *parole*. Tais escolhas tradutórias, ainda que legítimas, causam estranheza, uma vez que estabelecem conceitos diferentes dos comumente atribuídos às palavras pelas quais o tradutor optou. O recorte semiótico da língua francesa subdivide em duas unidades aquilo que comumente, em inglês, é dito por meio de um só item lexical: *language* pode referir-se a linguagem ou língua, e é evidente que o tradutor se deparou com um dilema e tomou as decisões que julgou pertinentes. Não fosse o *Cours* um texto sobre linguística, talvez a tarefa de Baskin fosse menos arriscada. No entanto, suas escolhas acrescentaram uma camada extra de complexidade à interpretação de um texto já complexo por natureza ao exigir do leitor uma reorganização conceitual durante a leitura. Roy Harris, tradutor da edição de 1986, adota uma postura crítica em relação às escolhas de Baskin, apontando principalmente o problema da tradução de *language*. É sobre os comentários de Harris que se falará a seguir.

A VISÃO DE ROY HARRIS

Publicada em 1986, a tradução de Roy Harris mostra-se bastante diferente da de Wade Baskin já na extensão da introdução do tradutor, que se alonga por seis páginas (o texto completo está no Anexo 2). Nela, Harris faz críticas a traduções anteriores do *Cours*, como exemplifica o trecho a seguir:

*Saussure has on the whole been poorly served by his English translators and commentators. (...) Suffice it to say that the varied catalogue of mistranslations available for public inspection runs the whole gamut from the trivial to the grossly misleading (langage rendered as "speech"). Surprisingly few have seen that it is not at all necessary to make heavy wheather of the distinction between langage and langue provided one respects the important semantic difference in English between using the word language with and without an article. It is small wonder that even Saussure's major themes on the subject of language are poorly understood in the English speaking academic world.*⁵

Nesse pequeno trecho, Harris não apenas discorda das opções tradutórias de Baskin como apresenta uma solução simples para o problema da tradução de *langue*: o uso do artigo antes de *language*. Mais adiante em sua introdução, Harris comenta as imprecisões terminológicas presentes em todo o *Cours* e mais especificamente o problema da tradução de *langue*:

⁵ “Saussure foi em geral mal servido por seus tradutores e comentaristas de língua inglesa. (...) Basta dizer que o variado catálogo de traduções incorretas à disposição para inspeção pública vai desde o trivial até o mais completo equívoco (*langage* traduzida como *speech*). Surpreendentemente poucos perceberam que a distinção entre *langage* e *langue* não é nenhum bicho de sete cabeças, contanto que se respeite a importante diferença semântica em inglês entre o uso da palavra *language* com ou sem artigo. Não é à toa que até mesmo os principais temas de Saussure no tocante à linguagem sejam mal compreendidos no mundo acadêmico anglofônico.”

While the language or a language are often perfectly adequate English translations, there are also many instances where expressions such as linguistic structure or linguistic system bring out much more clearly in English the particular point that is being made.⁶

Assim, Harris traduz *langue* de quatro formas: *the language*, *a language*, *linguistic structure* e *linguistic system*. Sem dúvida a opção *linguistic structure* é reveladora de uma posição vinculada ao estruturalismo (uma visão de língua como um sistema *fechado*, com estruturas superpostas), da mesma forma que Baskin. A Tabela 2 traz uma amostra do sumário do *Course in General Linguistics* de 1986 em comparação com o sumário da edição de 1957 a fim de ilustrar as diferenças entre as duas traduções:

TRADUÇÃO DE ROY HARRIS	TRADUÇÃO DE WADE BASKIN
INTRODUCTION CHAPTER I. A brief survey of the history of linguistics CHAPTER II. Data and aims of linguistics: connexions with related sciences CHAPTER III. The object of study 1. On defining a language 2. Linguistic structure : its place among the facts of language 3. Languages and their place in human affairs. Semiology CHAPTER IV. Linguistics of language structure and linguistics of speech CHAPTER V. Internal and external elements of a language CHAPTER VI. Representation of a language by writing	INTRODUCTION CHAPTER I. A glance at the history of linguistics CHAPTER II. Subject matter and scope of linguistics; Its relations with other sciences CHAPTER III. Object of linguistics 1. Definition of language 2. Place of language in the facts of speech 3. Place of language in human facts; Semiology CHAPTER IV. Linguistics of language and linguistics of speaking CHAPTER V. Internal and external elements of language CHAPTER VI. Graphic representation of language

co
luna
, a tr
adu
ção
de
Roy
Har
ris,
de 1
986;
na s
egu
nda
colu
na,
a de
Wa
de

Tabela 2. Amostra do sumário do *Course in General Linguistics*: na primeira edição de 1957. Todos os grifos são meus.

As diferenças são notáveis, a começar pelo Chapter III, pois definir “língua” é uma tarefa bastante diferente de definir “linguagem”. Além disso, se no capítulo cujo propósito é definir o objeto da linguística tal objeto é tomado por sua matéria, então sem dúvida o texto do *Cours*, em inglês, jamais poderia ser bem-sucedido – nem bem *entendido*. Assim, a eleição de uma palavra ou outra para *langue* acarreta consequências profundas sobre o texto final, uma vez que é em torno do conceito de *langue*, em

⁶ “Ainda que na maioria das vezes *the language* ou *a language* sejam traduções perfeitamente adequadas para o inglês, há muitas ocasiões em que expressões como *linguistic structure* ou *linguistic system* salientam com muito mais clareza o ponto de vista em questão.”

oposição a *langage* e *parole*, que o *Cours* organizará o pensamento saussuriano e o objeto de seu estudo.

Mas qual é, afinal, o “pensamento saussuriano” desenvolvido no *Cours*, e que papel a distinção entre *langue*, *langage* e *parole* desempenha na compreensão desse pensamento?

LANGUE, PAROLE, LANGUAGE

A autora Claudine Normand considera o *Cours* “um texto chamado Saussure” (2009, p. 15). Para ela, não se trata de ignorar os esforços filológicos sobre o processo de criação do *Cours*, “mas de resguardar-lhes seu papel de complemento (...), recusando que eles sejam obstáculos a uma primeira reflexão sobre o *Cours* como texto” (id., p. 18). Seguindo a tradição, Normand chama esse texto de “Saussure”.

Ao escrever o capítulo “System, arbitrariness, value” para o livro *The Cambridge Companion to Saussure*, publicado pela Cambridge University Press em 2006, Normand, cuja língua materna é o francês, vê-se diante do impasse da tradução de *langue* para o inglês, tal como Baskin e Harris em suas respectivas traduções do *Cours*:

*To start with there is the problem of translating “la langue est un système” into English. (...) More problematic in English, however, is the term “language” itself since it does not differentiate, as Saussure did, between le langage, une langue, la parole and la langue. For Saussure le langage refers to the general human faculty of language. Une langue refers to any particular language (...). La parole refers to a particular utterance, to an example of individual speech (...). La langue, however, is a new technical term developed by Saussure, and is **the essential object of his investigations**.⁷*
(2006, p. 89, itálicos da autora; negrito meu)

Normand, partindo do pressuposto de que o objeto de investigação de Saussure é a língua, desvia-se do caminho trilhado pelas leituras estruturalistas do *Cours* ao ampliar a teoria saussuriana para além do signo. É o signo, e não o sistema aberto de relações de valor entre signos linguísticos, o elemento cuja definição proposta por Saussure é comumente apontado como o divisor de águas entre a linguística que se fazia até então e a linguística pós-*Cours*. Essas relações de valor estabelecem-se por meio de oposições, daí a afirmação de que “na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 2006, p. 138). Segundo a visão de Normand, Saussure considerava tarefa do linguista descrever as operações realizadas pelo falante ao usar o sistema da língua, uma ideia em total oposição à pesquisa linguística realizada na época, fundamentalmente histórica. “Os princípios de uma teoria geral da linguagem precisam ser entendidos como um conjunto de traços abstratos a partir dos quais uma descrição correta e acessível se torna viável”, prossegue Normand (2006, p. 92). Dentre tais princípios, os seguintes constituem os fundamentos epistemológicos de Saussure: a língua é um sistema; a língua é um fato social, enquanto a fala é um ato individual; os signos são arbitrários e

⁷ Para começar, há o problema de traduzir “la langue est un système” para o inglês. (...) Ainda mais problemático em inglês, no entanto, é o próprio termo “language”, uma vez que ele não diferencia, como fez Saussure, entre *le langage*, *une langue*, *la parole* e *la langue*. Para Saussure, *le langage* se refere à faculdade humana da linguagem como um todo. *Une langue* se refere a qualquer língua em particular (...). *La parole* se refere a uma elocução em particular, a um exemplo do discurso individual (...). *La langue*, contudo, é um novo termo técnico desenvolvido por Saussure, e é **o objeto essencial de suas investigações**.

devem ser tomados como valores; e a linguística pertence a uma ciência mais geral a ser desenvolvida (a semiologia). A autora acrescenta que, na época, as concepções positivistas e empiristas dominantes nas ciências emergentes impossibilitaram a compreensão plena das propostas de Saussure. Rompendo com o extralinguístico – preocupação dos filósofos da linguagem –, Saussure assume uma posição peculiar entre os pensadores de seu tempo diante da língua (id., p. 104).

Da visão de Normand, depreende-se que a distinção entre *langue*, *parole* e *langage* é da máxima importância para a compreensão da proposição saussuriana, que encontra, na tradução em inglês, mais uma resistência ao seu entendimento, além das dificuldades já estabelecidas pelas circunstâncias históricas à época do lançamento do *Cours*.

Simon Bouquet, outro estudioso da obra saussuriana, tem um ponto de vista divergente e mais radical do que o de Normand. Embora Bouquet ressalte a importância da publicação do *Cours* como uma “síntese magistral da reflexão saussuriana”, declara também que a obra é “um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar” (2004, p. 13). A principal crítica do autor a Charles Bally e Albert Sechehaye, redatores do *Cours*, é a de terem organizado o livro “segundo a lógica de um sistema acabado” (id., p. 13). Bouquet faz uma leitura do *Cours* a partir do *corpus* completo de textos saussurianos – incluindo em especial os documentos manuscritos encontrados em 1996 – e propõe uma gramática do sentido tomando a língua como álgebra (BOUQUET, 2004). Subdividindo os valores linguísticos em valores *in praesentia* (relações sintagmáticas) e valores *in absentia* (relações associativas), ele propõe diversos graus de arbitrariedade entre os signos. Na primeira categoria dos valores *in absentia* estão: a arbitrariedade da ligação de um significante a um significado; a arbitrariedade da ligação entre um significado a um significante; e a arbitrariedade da constituição do signo através da ligação entre significante e significado. Na segunda categoria estão: a arbitrariedade do sistema fonológico; e a arbitrariedade do sistema semântico. A última categoria proposta pelo autor é o valor *in praesentia*, que engloba o caráter linear do fato sintático (id., ibidem). A proposta de Bouquet não se restringe a uma leitura do *Cours* “assessorada” ou “confirmada” pelos manuscritos. Na verdade, ele usa os manuscritos como uma contraprova da deformação do pensamento “original” e “autêntico” de Saussure, pensamento que Bouquet afirma inacabado e ao qual deu continuidade (BOUQUET, 2006).

Curiosamente, Simon Bouquet, falante nativo do francês como Claudine Normand, também produziu um capítulo do livro *The Cambridge Companion to Saussure*, cujo título é “Saussure’s Unfinished Semantics”. Entretanto, ao contrário do capítulo de Normand, escrito pela autora em inglês, o de Bouquet foi traduzido por dois tradutores – Matthew Pires e Carols Sanders. Diferentemente de todas as outras traduções aqui mencionadas, Pires e Sanders optaram por manter *langue* e *parole* em francês, sem traduzi-las nem acrescentar explicações em notas ou entre parênteses.

Há que se ressaltar também a opinião de vários autores e estudiosos da obra saussuriana, como, por exemplo, Gadet (1996), Trabant (2005) e Depecker (2009), de que a busca por uma “autenticidade” ou uma “univocidade” é o menos importante quando o assunto é Saussure. O conjunto da obra de Saussure impõe-se como fundamental para os estudos da linguagem, mesmo que não se possa tomar o *Cours* como uma obra fechada e acabada. Em outras palavras, isso equivale a dizer que não existe um “pensamento de Saussure”, mas “pensamentos sobre Saussure”. E as traduções do *Cours* continuam sendo uma porta de entrada para o universo das ideias de

Saussure, embora o acesso ao *corpus* saussuriano como um todo não possa ser relegado a segundo plano.

CONCLUSÃO

As discussões dos parágrafos anteriores mostram que, em se tratando do *Cours*, não há consenso. Baskin e Harris, nunca é demais lembrar, traduziram um Saussure anterior aos manuscritos, sendo que Baskin traduziu o *Cours* antes mesmo da publicação das fontes e das edições críticas. É bem possível que eles produzissem traduções diferentes caso tivessem acesso ao *corpus* saussuriano tal como hoje ele está constituído.

De todo modo, a problemática em torno da tradução de *langue* para o inglês traz à tona mais do que um dilema estritamente tradutório, mas uma controvérsia hermenêutica que envolve todo um conjunto de leituras do *Cours* desde sua publicação em 1916 até hoje. Ademais, o próprio *Cours* já é, de certa forma, uma tradução: nasce através da interpretação de Bally e Sechehaye dos cadernos dos alunos de Saussure. Da mesma maneira que a origem do *Cours* precisa ser contextualizada, também suas traduções devem ser consideradas à luz de seu tempo. A opção de Harris por *linguistic structure* é bom exemplo disso. Os tradutores do texto de Bouquet (2004), ao optar por manter *langue* e *parole* em francês, usufruem da posição de observadores privilegiados e evitam correr os riscos que Baskin e Harris correram – o primeiro por embaralhar conceitos e o segundo por interpretar o pensamento saussuriano de acordo com sua visão pessoal de língua. Logo, retomando o que foi discutido nas seções anteriores, as traduções do *Cours* para o inglês aqui analisadas parecem ter colocado um véu extra de complexidade ao tratarem *langue* do modo como trataram.

Para concluir, é importante salientar também que Saussure (e aqui eu tomo Saussure pelo *Cours*, tal como fez Normand) faz inúmeras referências ao processo tradutório, ainda que camufladas e indiretas. As mais expressivas estão, como não poderia deixar de ser, no capítulo “O valor linguístico” na edição brasileira. O exemplo de “*mouton*” e “*sheep*” é uma delas. Ainda que tenham a mesma significação, essas duas palavras têm valores diferentes, e tais valores são determinados por aquilo que elas *não são*, ou seja, pelas palavras que as rodeiam e pela identidade que cada palavra assume através de sua relação com as outras. “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido” (SAUSSURE, 2004, p. 135), e todo tradutor sabe que não é assim. É no jogo de relações intrassistêmicas de arbitrariedade que os valores se estabelecem. A tradução se opera no nível do *sentido*, e não no nível do sistema. Por isso a importância de demarcar os diferentes *valores* da palavra *language* na tradução do *Cours*, o que só pode ser feito por um viés semântico. Harris, ao indicar o valor de *language* como *langue* por meio do uso do artigo, parece ter sido mais bem-sucedido do que Baskin em estabelecer sentidos semelhantes do francês para o inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASKIN, Wade. "Translator's Introduction." In: *Course in General Linguistics*, por Ferdinand de Saussure. Nova York: The Philosophical Library, 1959.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à Leitura de Saussure*. 9. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum, & Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- . "De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais." *Letras & Letras*, janeiro - junho de 2009: 161-175.
- BOUQUET, Simon. "Saussure's unfinished semantics." In: *The Cambridge Companion to Saussure*, por Carol SANDERS, tradução: Matthew Pires, & Carol Sanders. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DEPECKER, L. "Un autre Saussure." In: *Comprendre Saussure: d'après les manuscrits*, por L. Depecker. Paris: Armand Colin, 2009.
- GADET, Françoise. *Saussure: Une Science de la Langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- HARRIS, Roy. "Translator's Introduction." In: *Course in General Linguistics*, por Ferdinand de Saussure. Londres: Open Court, 1986.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. Tradução: Ana de Alencar, & Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- NORMAND, Claudine. "System, arbitrariness, value." Pág. 6 em *The Cambridge Companion to Saussure*, por Carol SANDERS. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SALUM, Isaac Nicolau. "Prefácio à edição brasileira." In: *Curso de Linguística Geral*, por Ferdinand de Saussure. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Edição: Charles Bally, Albert Sechehaye, & Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1995.
- . *Course in General Linguistics*. Edição: Charles Bally, Albert Sechehaye, & Albert Riedlinger. Tradução: Wade Baskin. Nova York: The Philosophical Library, 1959.
- . *Course in General Linguistics*. Edição: Charles Bally, Albert Sechehaye, & Albert Riedlinger. Tradução: Roy Harris. Londres: Open Court, 1986.
- . *Curso de Linguística Geral*. 27. Edição: Charles Bally, Albert Sechehaye, & Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, & Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- . *Escritos de Linguística Geral*. 10. Edição: Simon Bouquet, & Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum, & Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- TRABANT, Jürgen. "Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs?" *Langages*, 2005.